

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**RELAÇÃO URBANO/RURAL NA COMUNIDADE SANTA RITA DE  
CÁSSIA – VALÉRIA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS/AM**

**PARINTINS - AM  
2018**

**MARCOS NERIS XAVIER**

**RELAÇÃO URBANO / RURAL NA COMUNIDADE SANTA RITA DE  
CÁSSIA – VALÉRIA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS/AM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito básico para obtenção do título de Licenciado Geografia em pela Universidade do Estado do Amazonas, sob orientação da professora Dra. Tatiana da Rocha Barbosa.

**PARINTINS - AM  
2018**

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha família pelo apoio incondicional, sem o qual não seria possível a realização desse sonho: minha mãe Fátima Neris e meus irmãos. E também a vocês Zeliane, Lohanna e Enzo por somarem alegrias e dividirem angústias durante esse período. A vocês dedico esta conquista e todo meu amor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela sua grandiosa bondade em me conceder cada dia para que eu pudesse estar realizando este sonho. Senhor tua presença é grande em minha vida. À minha família pelo apoio discreto e incondicional, durante essa caminhada, minha mãe Fátima Neris que sempre esteve ao meu lado. Aos meus irmãos pelas alegrias de viver ao seu lado. Agradeço a minha companheira Zeliane Cardoso pela paciência, ajuda e apoio demonstrado durante esses anos de estudos.

Agradecimento especial aos colegas do curso da turma de Geografia 2015 em especial aos que pude compartilhar bons e maus momentos, onde as dúvidas e positivities puderam ser divididas, mostrando-lhe sempre responsabilidade e comprometimento com os estudos, a vocês Fernando Luís, Allan Marinho e Daiane Ribeiro, eterna gratidão.

Serei grandiosamente grato aos professores do colegiado de Geografia que sempre estiveram presente nessa caminhada de quatro anos, aos professores de outros colegiados que quando solicitados não mediram esforços para compartilhar conosco seus conhecimentos. A minha orientadora, professora Dra. Tatiana da Rocha Barbosa, pela dedicação, paciência e apoio na elaboração deste trabalho, sempre acreditando na minha capacidade.

Por último e não menos importante, a todos os moradores da comunidade Santa Rita de Cássia da Valéria por estarem sempre de braços abertos fornecendo informações para a realização deste trabalho, a cada um de vocês tiraram um tempo de seus afazeres para uma pequena conversa, o meu muito obrigado! Vocês contribuíram muito para realização desta pesquisa

Tudo posso naquele que me fortalece (Filipenses 4:13)

## **RESUMO**

O trabalho objetivou analisar a relação rural/urbano na comunidade Santa Rita de Cássia da Valéria, localizada entre a divisa dos estados do Amazonas e Pará com o intuito de analisar os elementos urbanos presentes na comunidade, para isso, realizou-se pesquisa quali-quantitativa, onde observamos não só as qualidades, mas também as quantidades dos elementos urbanos e suas relações, adotando o materialismo histórico e dialético para elaborar análises de processos de produção pretéritos e vigentes da comunidade. Para tanto, utilizamos da aplicação de questionários, conversas informais e de ampla bibliografia sobre a temática distribuída ao longo do trabalho em algumas etapas. A primeira se limita ao histórico da comunidade e em a parte cultural. Posteriormente, partimos para a tentativa de compreensão de rural e urbano, conceituando e diferenciando estes. A partir de então, elaboramos reflexões sobre os modos de vida encontrados na comunidade, mediante a descrição de como isso se faz presente nas famílias locais. Noutro momento, observou-se os tipos de moradias existentes na comunidade, os produtos industrializados mais consumidos e os hábitos alimentares dos moradores, o uso do rio, os meios de transporte, a frequência com que os moradores vão para a cidade e a renda familiar destes. E para finalizar, evidencia-se os resultados obtidos, destacando que a comunidade apresenta maior característica rural, com presença significativa do urbano em meio a sua reprodução, porém, isto não implica no desaparecimento do rural, tendo em vista que mesmo o urbano exercendo influências, o modo de vida rural se cristaliza na comunidade.

**Palavras chaves** – modos de vida, rural e urbano.

## LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 01** – Mapa de Localização da Região da Valéria.....pág. 15
- FIGURA 02** – Comunidade Santa Rita de Cássia - Valeria.....pág. 16
- FIGURA 03** – procissão de encerramento dos festejos em honra à Santa Rita.....pág. 17
- FIGURA 04** – Brincantes do Boi Bumbá Arretadinho.....pág. 18
- FIGURA 05** – Plantação de macaxeira existentes nos quintais das residências da comunidade..... pág. 28
- FIGURA 06** – Plantação de banana e criação de galinhas existentes nos quintais das residências da comunidade..... pág. 28
- FIGURA 07** - Escola Municipal “Marcellino Henrique”..... pág. 32
- FIGURA 08** – Exemplo de moradias na comunidade – casa em alvenaria..... pág. 37
- FIGURA 09** – Exemplo de moradias na comunidade – casa de madeira..... pág. 38
- FIGURA 10** - – Mercarias da comunidade..... pág. 41
- FIGURA 11** - – mostrando o interior de outra mercearia local..... pág. 42
- FIGURA 12** – Jovens se divertindo no lago próximo a comunidade..... pág. 47

## LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 01** – População rural e urbana do estado do Amazonas e cidade de Parintins..... pág. 20
- GRÁFICO 02** – Tipos de moradia existentes na comunidade..... pág. 39
- GRÁFICO 03** – Destino dado ao Lixo produzido nas residências da comunidade..... pág. 40
- GRÁFICO 04** – Principais alimentos Industrializados consumidos na comunidade..... pág. 44
- GRÁFICO 05** – Alimentos mais produzidos pelos comunitários em seus locais de plantação..... pág. 45
- GRÁFICO 06** – Principais serviços buscados na cidade de Parintins..... pág. 50
- GRÁFICO 07** – Índices de doenças frequentes na comunidade..... pág. 51
- GRÁFICO 08** – Dados da renda mensal em algumas famílias da comunidade..... pág. 52

## LISTA DE TABELA

**TABELA 01** mostrando algumas das plantações existentes nos quintais das casas da comunidade.....pág. 27

**TABELA 02** - mostra a frequência em que as pessoas vão à cidade .....pág. 49

## **LISTA DE SIGLAS**

**INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**PA** – Projeto de Assentamento

**IDEB** – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**SAAE** – Serviço Autônomo de Água e Esgoto

**PBF** – Programa Bolsa Família

## SUMÁRIO

<b>INDRODUÇÃO</b> .....	pág. 12
<b>1. A COMUNIDADE</b> .....	pág. 14
<b>1.1 UMA DEFINIÇÃO SOBRE A COMUNIDADE</b> .....	pág. 19
<b>2. O URBANO</b> .....	pág. 22
<b>2.1 MODOS DE VIDA URBANO</b> .....	pág. 26
<b>2.2 O ESPAÇO RURAL</b> .....	pág. 29
<b>3.0 PANORAMA EDUCACIONL NA COMUNIDADE</b> .....	pág.
<b>3.1 SITUAÇÃO HABTACIONAL NA COMUNIDADE</b> .....	pág. 36
<b>3.2 O COMÉRCIO E HÁBITOS ALIMENTARES DOS MORADORES</b> .....	pág. 41
<b>3.3 A PRODUÇÃO ALIMENTAR</b> .....	pág. 45
<b>3.4 O USO DO RIO</b> .....	pág. 46
<b>3.5 O OS MEIOS DE TRANSPORTE NA COMUNIDADE</b> .....	pág. 48
<b>3.6 A ECONOMIA NA COMUNIDADE</b> .....	pág. 51
<b>4.0 MUDANÇAS E PERMANECIAS NA COMUNIDADE</b> .....	pág. 54
<b>5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	pág. 56
<b>6.0 REFERÊNCIA</b> .....	pág. 58

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da pesquisa realizado na comunidade Santa Rita de Cássia da Valéria, pertencente ao município de Parintins, localizada na divisa entre os Estados do Amazonas e Pará, à direita do Rio Amazonas, a leste da sede municipal, distante 52 km da cidade por via terrestre e quatro horas via fluvial. O mesmo teve como objetivo geral, caracterizar os elementos urbanos presentes no local de estudo, a fim de se chegar a conclusão se a comunidade é mais rural ou urbano.

Com o intuito de alcançar o proposto, buscou-se, caracterizar os elementos urbanos presentes na vida dos comunitário locais, analisando os modos de vida destes e identificar a presença do urbano na comunidade. Mediante levantamento quali-quantitativo, onde observamos não somente a qualidade, mas também quantidades. Portanto, foram realizadas 03 (três) viagens a campo, onde além de fazermos observações da área de estudo, também foram aplicados 02 (dois) questionários com perguntas abertas e fechadas e manteve-se conversa formal e informal e análise direta das mesmas afim de termos mais informações de ocorre a dinâmica, as relações e os modos de vida presentes ali.

Também foram executados registros fotográficos conversas abertas com os moradores onde os mesmos puderam relatar suas experiências vividas na comunidade, suas relações com os vizinhos, bem como fazendo uma análise da trajetória da mesma, onde foi possível perceber as mudanças que aconteceram principalmente com a chegada da energia elétrica. Os moradores mais antigos forneceram informações valiosas a respeito dos modos de vida, alimentação, produção alimentar e a relação com o rio.

Para uma melhor análise da relação urbano/rural e entender suas complementaridades, tivemos como base teórica autores como Maria Encarnação Beltrão Spósito, nos dando base do surgimento da cidade, deste o nomadismo até a forma concreta que vemos hoje. Nesse mesmo contexto, Ana Fani Alessandri Carlos, Milton Santos e Roberto Lobato Correa apoiam nossos escritos falando da

cidade de hoje, do urbano e os agentes produtores do espaço urbano, apoiando-nos no que se refere à questão urbana.

Por outro lado, analisando o meio rural, autores como José Aldemir de Oliveira, expõe a trajetória das cidades na Amazônia enfatizando seu desenvolvimento e sua importância para as comunidades próximas; Henri Lefebvre, Marcos Aurélio Saquet, dão maior argumento sobre os modos de vida, seus desafios, suas diferenças e as relações existentes dentro de uma população rural. Dessa forma o trabalho foi estruturado e desenvolvido a fim de se chegar ao resultado esperado.

Além do referencial bibliográfico com estes autores conceituados que nos ajudaram nas definições e conceitos nos levando a entender a diferença entre rural e urbano, mostrando que o rural de hoje já não é mais aquele local compreendido com atrasado onde se predomina somente as atividades agrícolas primárias, da mesma forma o urbano não é predominantemente da cidade, mas mantém-se relacionados entrelaçados de forma a se complementar.

Essa análise se fez necessária mediante a importância de elaborar reflexões sobre a comunidade Santa Rita de Cássia da Valéria para o município de Parintins bem como para as demais comunidades pertencentes a localidade chamada Valéria. Sua evolução no processo de urbanização. Levando a constatação que há uma imbricação entre o rural e o urbano.

A discussão do Rural e Urbano na Amazônia é um desafio, pelo fato dessas relações ocorrerem de forma diferenciada e ao mesmo tempo entrelaçadas, principalmente por que temos na Amazônia um rural que se diferencia pela importância do rio e a floresta na vida dos povos. Nesse sentido como explicar essa relação entre o rural e o urbano na comunidade Santa Rita de Cássia da Valéria?

Visando responder ao questionamento, no primeiro momento seção 1.0 elaborou-se abordagem geral da comunidade, sua localização, dados populacionais e um breve histórico; 1.1 - faz-se uma definição conceitual da comunidade e se a mesma é mais rural ou urbana; na seção 2.0 a 2.2 - aborda-se o urbano e seus agentes produtores, bem como os modos de vida urbano e o espaço rural, suas

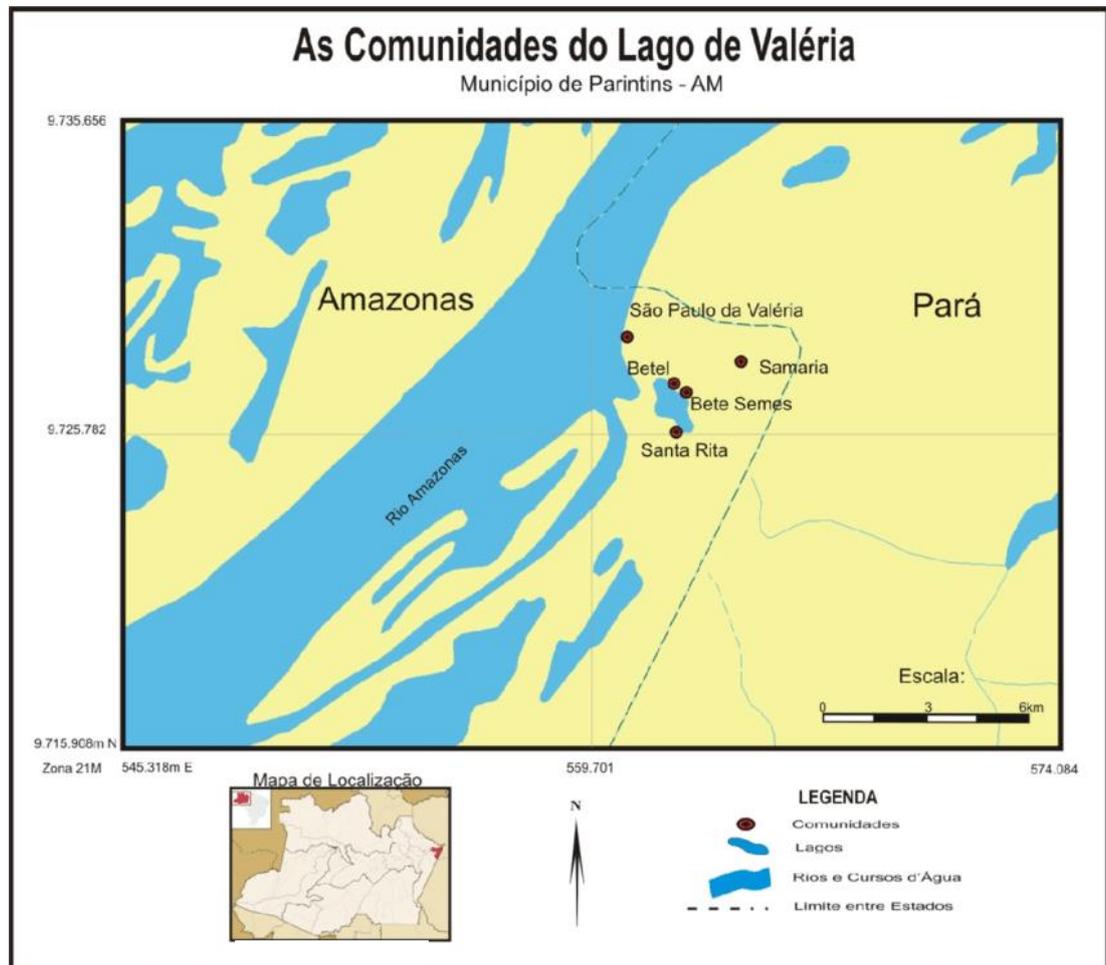
definições e os modos de vida; 3.0 a 3.4 - apresentamos o panorama educacional da comunidade, mostrando o número de vagas e de funcionários na escola bem como sua importância na micro região da Valéria, situação habitacional dos moradores da comunidade os tipos de moradias aliados aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. A *posteriori*, o trabalho se debruça a entender a produção alimentar, o uso do rio e sua importância na vida dos moradores locais. Como parte deste diagnóstico, realizou-se, também, levantamento de dados a respeito do meios de transporte e as mudanças e permanências espaciais presentes na comunidade com a chegada da energia elétrica e outras melhorias.

Finaliza-se estabelecendo reflexões concernentes a vida nas comunidades rurais do município de Parintins que é sempre repleta de desafios diários, no geral, conhecidos apenas por quem vive essa realidade haja visto que as relações com a floresta os rios e lagos são provedores de em sua maioria do alimento de cada dia, fazendo com que estes mantenham seus costumes locais. Diante disso, os resultados da pesquisa apontam para uma comunidade onde o rural apresenta muita resistência, mesmo com a introdução de objetos característicos do urbano não alterou a consideravelmente a os modos de vida local.

## **1. A COMUNIDADE**

Pertencente ao município de Parintins e localizada na divisa entre os Estados do Amazonas e Pará, à direita do Rio Amazonas, a leste da sede municipal, distante 52 km da cidade por via terrestre e quatro horas via fluvial, a comunidade Rural de Santa Rita de Cássia, é o centro do conjunto de 06 (seis) comunidades conhecidas como Região da Valéria é reconhecida pelo Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como sítio arqueológico, por abrigar ali artefatos históricos.

**Figura 01** - Mapa de localização das comunidades pertencentes a região da Valéria.



Mapa de localização das comunidades da Região da Valéria

Fonte: Bruno Moraes - 2008

Disponível em: [www.researchgate.net](http://www.researchgate.net)

Assentada no platô central em uma altura de 68 m, essa comunidade, tem seu histórico remontado os anos de 1920, como ressalta Azevedo Filho (2013), no entanto, indícios arqueológicos presumem que a região foi habitada por outros povos anteriormente. Moradores mais antigos ainda guardam na lembrança alguns dos possíveis habitantes dessa região nos anos de 1937-1940, com destaque para Silvestre Xavier a família, que, vindos se refugiando das Guerras da Cabanagens de 1835/1840, e da Guerra do Paraguai de 1865/1970.

O senhor Elias Sena Xavier, um dos moradores mais antigos da região, ressalta que os primeiros moradores da comunidade denominada Valéria, Crispim

Xavier Carvalho, José Xavier, juntamente com Belmiro Xavier e Silvestre Xavier nos anos de 1937 (Oliveira, Marques e Farias 2017).

**Figura 02** – imagem aérea da comunidade Santa Rita de Cássia - Valéria



Comunidade Santa Rita de Cássia - Valéria  
Fonte: Reginaldo Luís – Abril 2018

A comunidade é administrada por uma diretoria legalmente escolhida pelos comunitários através de eleição, para isso, é feito todo um procedimento legal afim de se ter a transparência na escolha. O procedimento começa com a escolha da comissão eleitoral, que é responsável pela inscrição das chapas que pretendem concorrer à presidência até a realização da eleição e apuração dos votos. Em geral uma diretoria tem um mandato de 3 (três) anos, estando apta a concorrer a reeleição, caso queiram.

Tendo como padroeira Santa Rita de Cássia, a comunidade é referência na região em relação a festa. Atraindo devotos de todas as comunidades circunvizinhas o festejo normalmente é realizado no dia 22 de maio de cada ano. No entanto, essa data é alterada a cada ano, pois como tradição local as festas acontecem sempre nos finais de semana.

**Figura 03** – Devotos de Santa Rita na procissão de encerramento da festa da padroeira.



Procissão de encerramento dos festejos de Santa Rita  
Fonte: Marcos Neris – Maio de 2018

Durante o ano a comunidade realiza outros eventos festivos, estes voltados para aquisição de algum bem para os comunitários e/ou como forma de manter a cultura local. Ha também, a apresentação do Boi Bumbá Arretadinho, boi que a princípio era vinculado junto a escola e depois passou a ser responsabilidade da comunidade. Esse “boizinho” como é carinhosamente chamado na comunidade apresentava-se geralmente no mês de junho, mas dado a outros eventos que acontecem na região nesse período a festa passou a ser realizada no mês de agosto e já perdura sua 17<sup>o</sup> edição.

**Figura 04** – Brincantes do Boi Bumbá Arretadinho



Brincantes de Boi Bumbá Arretadinho  
Fonte: Tainá Magalhães - 2017

A festa do boi “Arretadinho” é uma grande atração na região, pessoas de várias comunidades independentemente da idade se reúnem pra brincar de boi nesse período. A imagem acima mostra os participante dessa brincadeiras. Ressalta-se no entanto que durante os festejos, há outros tipos de dança, como quadrilha e apresentações de outros boizinhos vindos de outras comunidades.

Nessa região estão assentadas comunidades tradicionais rurais, onde saberes e fazeres locais estão alicerçados em vivências cotidianas, relações pessoais, sociais e com o ambiente. Sendo que a natureza na maioria das vezes é a provedora do alimento diário, onde o caboclo do interior busca todos os dias em harmonia com a natureza de manter sem perder o que ela pode lhe oferecer.

A comunidade faz parte do Projeto de Assentamento Rural coordenado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, no qual atualmente existem 1.772 (um mil setecentos e setenta e duas) parcelas rurais demarcadas e ocupadas por parceleiros assentados pelo INCRA, foram regularizadas através de título de domínio 373 (trezentas e setenta e três) parcelas, com documentos expelidos de 2000/2002. As comunidades existentes possuem 469 lotes medidos e demarcados, nos quais residem mais de 320 famílias, sendo a maioria de

parceiros do projeto, ou seja, pessoas com títulos definitivos do terreno, tendo também 42 lotes destinados a núcleos urbanos, que servem as Comunidades, Associações, Núcleos e Colônias, informações repassadas pelo Conselho dos Assentados (2018).

O referido Projeto de Assentamento foi criado através do processo nº 1443/96, desapropriação por interesse social, Portaria MIRAD nº 1404 de 26 de outubro de 1988, com uma área de 78. 270 hectares, pelo Decreto nº 94.969 de 25 de setembro de 1987, Número 2092, Ofício 1º, Livro 02 – H, Folhas 159, Registro 001, data 02 de março de 1988, Comarca de Parintins/AM.

### **1.1 Uma definição sobre a Comunidade**

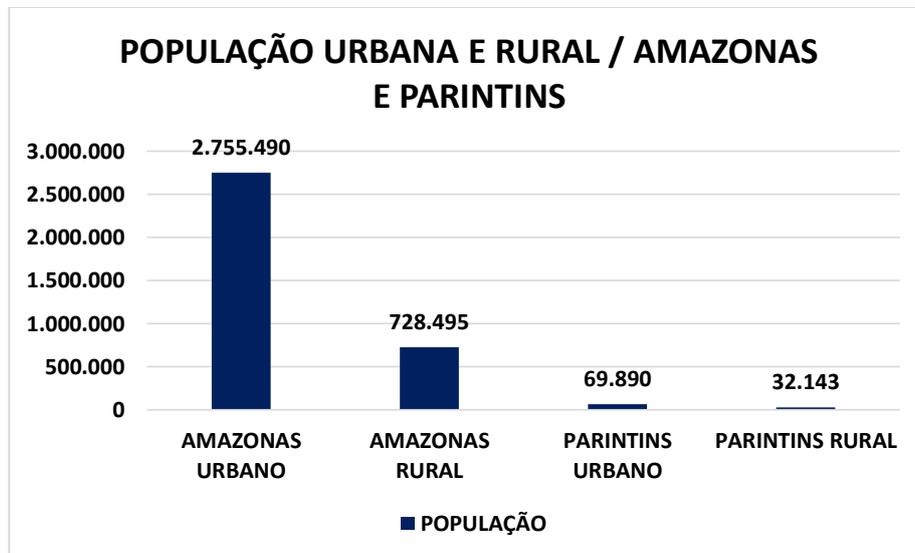
De acordo com os dados da pesquisa e fundamentadas em teorias de autores como José Aldemir de Oliveira (2000), Ana Fani Alessandri Carlos (2003) e observações feitas na localidade, foi possível constatar que a comunidade é mais rural do que urbano, embora possamos encontrar muitos dos equipamentos característicos do urbano como, energia elétrica, água encanada, aparelhos celular com acesso a internet dentre outros, ela ainda reserva modos de vida muito rural, onde todos se conhecem e de alguma forma mantem uma relação de vizinhança.

Vale ressaltar que a discussão acerca do rural e urbano surgiram no meio acadêmico no início do século XX, destacando que no Brasil, desde os anos de 1970, essas categorias foram debatidas, reavaliadas tanto em debate acadêmico como em instituições estatais, em órgãos de pesquisa e em organizações não-governamentais. (CABRAL, 2012).

Atualmente, os dados populacionais da comunidade totalizam 85 famílias com 380 pessoas (Livro de Controle da Comunidade Fevereiro de 2018). Os lotes de terra pertencem a comunidade, “quadro da comunidade” cabendo a pessoa do presidente e sua diretoria fazerem a distribuição a quem se interessar em construir uma casa e fixar moradia na comunidade. No entanto, existem algumas pequenas porções de terras na área da comunidade que são terrenos particulares.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE / Censo 2010 mostram a distribuição da população rural e urbana no Estado do Amazonas. No gráfico da página 03 é possível perceber que uma parcela maior das pessoas residem nos centros urbano, ou seja, 2.755.490 habitantes, e as demais nas áreas rurais em pequenas comunidades onde se desenvolvem de acordo com seus modos de vida e costumes tradicionais totalizando 3.483.985 habitantes em 2010, sendo que essa população para 2018 está estimada em 4.080.611 habitantes.

**Gráfico 01** - Distribuição populacional entre rural e urbano no Estado do Amazonas e na Cidade de Parintins – IBGE 2010.



População rural e urbana do estado do Amazonas e cidade de Parintins

Fonte: IBGE – 2010

Organização: Marcos Neris, setembro de 2018.

No município de Parintins, os dados do IBGE (2010) mostram que 68,5% da população residem em áreas urbanas, o restante 31,5% em áreas rurais, totalizando 69.890 e 32.143 pessoas respectivamente, totalizando 102.033 habitantes, tendo uma estimativa populacional para 2018 de 113.168 de habitantes.

As populações tradicionais dessas comunidades rurais possuem íntima conexão com externalidades, das quais recebem inúmeras influências, mas também absorvem ensinamentos transmitidos por oralidade, a partir dos mais velhos. Porém,

como passar do tempo, e com a introdução do que Santos (1997) chamou de meios técnicos científicos e informacionais, o urbano começou a apresentar-se de forma mais acentuada e muitos dos costumes <sup>1</sup>locais simples, passaram a dar espaço a outros com o uso dos equipamentos eletrônicos, como TVs e Smartphone, com acesso à internet conecta muitos dos moradores locais a tudo que acontece ao redor do mundo. Mas ainda não foi capaz de retirar os costumes locais dos moradores.

Nesse período que Santos (2006) classifica como técnico-científico-informacional, o mundo parece cada vez mais interligado, principalmente via informação, onde o global está cada vez mais presente no local, mesmo na Amazônia, onde a informação se propaga via tecnologia para cada vez mais locais distantes dos grandes centros urbanos, levando a ideia de “modernidade” através de inovações tecnológicas, gerando uma relação de circulação ainda maior entre culturas diferentes, entre modo de vida urbano e rural Costa Silva e Andrade (2013).

Ao longo dos últimos vinte anos uma gama considerável de políticas públicas tem levado infraestrutura urbana para as comunidades da gleba de Vila Amazônia. Programas de governo como o “Luz para todos”, têm criado outras possibilidades e vivências diferenciadas aos moradores das localidades onde a energia passa a compor o cotidiano das pessoas. Outros aparelhos urbanos inseridos no cotidiano dos moradores dessas comunidades passam a modificar o modo como essas pessoas se relacionam com o meio. A terra, a água e a floresta ganham outros significados a partir do momento em que o urbano é inserido no rural (Conselho dos Assentados – 2018). No entanto muitas dessas políticas públicas chegaram a todas as comunidades rurais do assentamento, resultado disso é a situação precária em que a estrada que dá acesso a essas comunidades se encontra.

Nessas comunidades, o urbano apresenta-se imbricados nos costumes e fazeres locais mantendo uma mesma relação com o rural, onde as pessoas sentem-se na necessidade de adquirir equipamentos característicos do urbano a fim de

---

Uma externalidade é o impacto das ações de uma pessoa ou sistema sobre terceiros. Elas podem levar o mercado a alocar recursos de maneira ineficiente. Fazendo com que terceiros acabem absorvendo os custos ou benefícios oriundos da ação de uma pessoa. As externalidades podem ser positivas ou negativas. Positivas é um impacto de boas ações na vida de terceiros e as negativas são o inverso SANTOS (2006).

satisfazer muitas de suas necessidades. Dessa forma quando se adentra em uma comunidade rural do município de Parintins é comum perceber a presença desses objetos, que de forma simples fazem parte da vida desses moradores.

## **2. O URBANO**

A urbanização é o processo, e a cidade, forma concretizada pelo processo Spósito (1991). A autora ressalta que para entender a cidade de hoje, apreender quais os processos dão formação à complexidade da sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exige uma volta as origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética, a sua trajetória. Com essas palavras a autora evidencia a necessidade de se voltar ao passado para que tenhamos melhor visão de como se deu o surgimento das primeiras cidades, como todos os processos se evoluíram e chegaram a sua forma concretizada, ou seja, a cidade de hoje.

Spósito (1991) também diz que o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos engendradas pelas relações que promovem a transformação. Ressaltando sempre as constantes transformações que a cidade passa durante o tempo.

Em suas palavras ela ressalta que o homem do período paleolítico começou a demonstrar interesses em se relacionar, com algum lugar. Segundo ela existiram alguns pontos marcantes, sendo que o primeiro foi o respeito que os mesmos tinham com os mortos, havia uma preocupação com estes, afim de que tivessem uma “moradia”. Tanto é que ao citar Mumford menciona que foram eles os primeiros a ter uma moradia permanente, que a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos.

O mesmo autor também ressalta a relação do homem com a caverna, embora esta não pudesse se constituir uma moradia fixa para ele, era um abrigo e tinha um significado. Depois o homem passou a ter relação mais duradoura com o lugar, onde se constituiu aglomerados de pessoas denominados aldeias. Estas por sua vez passaram a domesticar animais e reproduzir vegetais através de mudas. Os aldeões como eram conhecidos, necessitavam de uma vigilância permanente, ou

seja, uma pessoa responsável pela segurança dos moradores. Esse indivíduo recebia o nome de caçador além de protetor da aldeia, era quem mantinha contato com as lideranças de outras aldeias, a fim de fazer parcerias. Com a evolução das aldeias para status de cidades, esses caçadores passaram a ser, lideranças maiores, chamados governadores.

Nesse mesmo período Spósito (1991) enfatiza que a revolução agrícola não poderia ter ocorrido sem a domesticação do próprio homem, que passou a ter, que se ocupar permanentemente de uma área, e acompanhar todo o ciclo de desenvolvimento natural de animais e produtos agrícolas. Finalizando que, a cidade de hoje é a forma concreta dos processos de construção e reconstrução pelos quais as mesmas passaram desde o início, sendo resultado das ações do mundo capitalista.

Por outro lado, Ana Fani Alessandri Carlos (2003), diz que a cidade é a subjugação do homem às necessidades de reprodução capital; onde o homem se vê capturado pelas necessidades de consumo e lazer. A autora destaca que O espaço da cidade capitalista, particularmente da grande cidade, caracteriza-se, entre outros aspectos, por ser fragmentado, o que dá origem a um mosaico irregular, com áreas de diferentes tamanhos, formas e conteúdo, assim geradas por distintos processos espaciais e agentes sociais detalhados por Corrêa (1989). As áreas desse mosaico, por outro lado, foram criadas em diferentes momentos do tempo, exibindo paisagens construídas recentemente, consolidadas, envelhecidas ou em processo de renovação, e os diferentes modos de uso da terra.

O espaço urbano tem seus agentes produtores. Ana Fani A. Carlos em seus vários questionamentos, pergunta: que espaço a sociedade produz e como ela se reproduz na produção de seu espaço? Ao mesmo tempo responde que o homem ao produzir sua existência acaba também por produzir não só sua história, conhecimento, processo de humanização mais também o espaço (Carlos, 2003).

O espaço urbano torna-se diferenciado pelos diferentes usos da terra. São esses diferentes modos de usar da terra, que por fim vão gerar a fragmentação pelo fato de ter uso desigual, e essa desigualdade é tanto econômica, quanto social como também de distanciamento físico. Dessa forma, essas fragmentações são unidas pelo que Correa (1989) denomina de articulações conhecidas como fluxos, fluxos de

peçoas, mercadorias e também decisões onde podem conter os investimentos de capital e deslocamento de Mais Valia, ou seja, qualquer deslocamento de fluxo entre peçoas, irá fazer com que haja a articulação entre as fragmentações do espaço urbano.

Mais Valia, é um conceito formalizado por Karl Marx (1974), e está associado à exploração da mão de obra assalariada, em que o capitalista recolhe o excedente da produção do trabalho com o lucro. Segundo o autor trata-se de um processo de extorsão por meio da apropriação do trabalho excedente na produção de produtos com valor de troca.

Existem dois tipos de Mais Valias; a mais valia absoluta, ocorreria em função do aumento do ritmo de trabalho, da vigilância sobre o processo de produção ou mesmo de ameaça da perda de trabalho caso determinada meta não fosse alcançada. A Mais Valia relativa estaria ligada ao processo do avanço científico e do processo tecnológico Marx (1974)

Aprofundando mais a análise sobre a Produção do Espaço Urbano, Roberto Lobato Corrêa argumenta que são 04 os agentes que produzem esse espaço; Os Proprietários dos meios de produção, são os consumidores do espaço, mantem uma relação direta com os Proprietários Fundiários, relação esta que é medida pela Lei, que por sua vez determina as ações do proprietário. Este último por sinal depende do aumento populacional das cidades para que haja uma maior demanda das terras e aumente os valores, sendo que estes trabalham com a localização geográfica e geológica, que irá também determinar o valor da terra.

Outro agente produtor do espaço urbano são os Promotores Imobiliários, trabalham com a incorporação de áreas – em outras palavras, seria pegar uma área rural e transformar em área urbana. Para isso são feitos estudos técnicos de investimentos se a área é viável ou não para fazer a transformação física dos imóveis para comercialização ou aluguel.

O Estado que é outro produtor do espaço urbano, é responsável por ter a soberania do uso da terra, fazendo uma regulação de preços e taxaço de impostos, tendo a capacidade de fazer o zoneamento para o uso do espaço, através da função

e formas das atividades e também a valorização dessas áreas sendo um grande regulador através das leis.

O autor também ressalta a importância dos processos e formas espaciais, que para ele o processo trabalha com a seguinte questão: ele tem uma forma e uma função. A forma e a função vão determinar os tipos desses processos espaciais, as expressões desses processos espaciais, que segundo Corrêa (1989) são seis os processos espaciais.

Dentre eles está a centralização e área central. A área central constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviço, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos. Ela se destaca na paisagem da cidade pela sua verticalização. A gênese da área central. A cidade mantém uma série de relações com entes e pessoas exteriores a ela.

O surgimento da área central foi percebido de forma nítida com a Revolução Industrial. O grande aumento de produtos industrializados gerou a necessidade de uma malha de transportes que suprisse a crescente demanda, dando ensejo à construção das grandes ferrovias. A partir de então se verifica um processo de aglutinação em torno das estações ferroviárias, pelo grande fluxo de pessoas que circulavam destas estações.

O espaço é dinâmico e, como expõe Santos (2007), “é o maior conjunto de objetos existente. Se ele associa o que pela origem, tem idades diversas, tais coisas a cada momento, movidas e modificadas por uma lei única, a lei de hoje, a que se submetem todas as relações sociais”.

O espaço urbano essencialmente congrega as ações da sociedade que cria e recria na medida das ações e intenções sobre ele. O dinamismo do espaço urbano é causa e efeito das ações e reações empreendidas nele e com ele, e este se apresenta em sua dimensão histórica e social com lócus das ações da sociedade. Ainda Corrêa (1995, p.7) ao conceituar o espaço urbano apresenta as forças atuantes na sua dinâmica e configuração afirmando que:

O conjunto dos usos da terra justaposto entre si definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e entre outras aquelas reservadas a futura expansão. Este complexo conjunto de uso da terra é,

em realidade, o espaço urbano, que aparece assim como o espaço fragmentado (1995).

Nesse sentido, Corrêa (1995, p.7) enfatiza que a fragmentação e articulação ocorrem de forma simultânea, onde: Cada uma dessas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável, fazendo com que a cidade apesar de ser fragmentada mantem-se interligada e articulada.

## **2.1 MODOS DE VIDA URBANO**

O modo de vida urbano típico de pessoas que vivem em cidades, naturalmente apresentam características distintas do seu oposto, o modo de vida rural. Para entender o surgimento do urbano, é preciso a priori considerar que o urbano é o subjetivo, é um modo de vida que veio a se consolidar em meados do século XIX. Ana Fani A. Carlos salienta que “[...] o urbano é mais do que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim, é um modo de vida” (CARLOS, 2003, p. 27). Nesse sentido o urbano é um modo de vida pelo qual as pessoas que ali convivem são acostumadas com o vai e vem das pessoas, do movimento que a cidade lhe oferece.

Embora a presença do urbano seja uma característica marcante em diversas comunidades da Gleba de Vila Amazônia, como observa em Silva (2015), ainda encontramos muitas relações que se assemelham àquelas tidas como especificamente rurais como encontradas na Valéria, que não se deixam levar pelas relações do capital, e determinam a forma como os sujeitos desses lugares concebem seu espaço vivido. Quando não possuem terras de cultivo ou criação fora de seus terrenos de domicílio, alguns moradores dessas localidades cultivam em canteiros nos quintais de suas casas alguns insumos para consumo próprio.

Na Valéria foi possível perceber muitas dessas pequenas plantações. A Tabela 001 mostra estes cultivos existentes nos quintas das casas na comunidade. Vale ressaltar que são pequenos lotes e essa produção em sua maioria que necessitam de cuidados especiais, fáceis de serem cultivadas devido a fertilidade do solo encontrado na comunidade, em sua maioria para consumo próprio ou para

vender aos vizinhos. Essas plantações em sua maioria são costumes transmitidos pelos pais e que até hoje perduram nas famílias locais como forma de resistência, pressupondo que as pessoas tenham condições de sobrevivência, se contrapondo ao que lhe é imposta Oliveira (2003).

Tabela 01 - mostrando algumas das plantações existentes nas quintas das casas da comunidade.

<b>PLANTAÇÃO</b>	<b>QUANTIDADES POR RESIDENCIAS</b>
<b>Banana</b>	<b>21</b>
<b>Macaxeira</b>	<b>13</b>
<b>Laranja</b>	<b>10</b>
<b>Cupu Açú</b>	<b>03</b>
<b>Manga</b>	<b>01</b>
<b>Hortaliças</b>	<b>15</b>
<b>Tomate</b>	<b>01</b>
<b>Abacate</b>	<b>02</b>
<b>Coqueiro</b>	<b>05</b>
<b>Jambeiro</b>	<b>02</b>
<b>Graviola</b>	<b>01</b>
<b>Abacaxi</b>	<b>04</b>
<b>Maracujá</b>	<b>02</b>
<b>Açaí</b>	<b>03</b>
<b>Cará</b>	<b>01</b>
<b>Tangerina</b>	<b>02</b>
<b>Limão</b>	<b>01</b>

Fonte: Trabalho de campo Julho de 2018  
Organização: Marcos Neris

A presença do urbano não afasta as características rurais nessas comunidades. Porém, fica evidente que mesmo de forma tímida já há certa influência na vida dos moradores locais. No entanto, o rural se torna mais evidente principalmente por terem laços primordiais, ou de parentesco ali existentes. Vemos também que a ocorrência das urbanidades no rural não é um fato único da Comunidade de Santa Rita, mas ocorre, em diferentes escalas, em outras Comunidades da região da Valéria Silva (2015),

**Figura 05** - Plantação da macaxeira em um quintal, essa é uma área onde recentemente houve uma expansão da comunidade.



Plantação de macaxeira existentes nos quintais das residências da comunidade  
Fonte: Marcos Neris - 2018

**Figura 06** Quintal com criação de galinhas, em sua maioria esses animais servem como fonte de alimentos para seus donos. Na imagem é possível também percebermos um sanitário feito no chão, as fossas negras. Muito comum em áreas rurais.



Plantação de banana e criação de galinhas existentes nos quintais das residências da comunidade  
Fonte: Marcos Neris - 2018

## 2.2 - O ESPAÇO RURAL

Os espaços urbano e rural inserem-se como diferentes expressões materializadas no espaço geográfico, compreendidas por suas distintas dinâmicas econômicas, culturais, técnicas e estruturais. Embora componham meios considerados distintos, suas inter-relações são bastante complexas por isso, muitas vezes é difícil separar ou compreender a especificidade de cada um desses conceitos em sua totalidade.

Em seus estudos, Lefebvre conclui que o “urbano é a simultaneidade, a reunião, é uma forma social que se afirma” (1986, p. 159). Por outro lado, as atividades praticadas no campo, no meio rural ou zona rural já não são apenas agrícolas que, num sentido amplo, englobam o cultivo da terra, a criação e a própria coleta de frutos. Ali se desenvolvem também atividades artesanais e comerciais. No entanto, as atividades agrícolas são as que mais caracterizam o mundo rural e o diferenciam nitidamente da cidade. Para além dessas aparentes e simples definições sobre o Urbano e o Rural, há complexa diferenciação de modos de vida os quais podemos observar na comunidade Santa Rita de Cássia da Valéria.

A maneira como os moradores mantém a relação com a comunidades, a natureza e o rio, não é diferente de outras comunidades rurais do município de Parintins, no que se refere a seus modos de vida, porém, com suas particularidades e especificidades. José Ademir de Oliveira (2000), destaca que, a produção do espaço na Amazônia cria a possibilidade de novos modos de vida resultante do embate entre as várias formas de relações imbricadas no novo e no velho que se opõe, se contradizem e se completam, dando origem a outras formas de viver.

Em Santa Rita da Valéria a relação que os comunitários mantêm com seu local de trabalho na produção de alimentos tem dois objetivos. Um deles está voltado para a subsistência das famílias, e outro está para o comércio ou pela troca. É da floresta e dos lagos da região que saem a maior parte do que é consumido no dia a dia dos moradores, seja na forma de cultivo e extração, da pesca e caça.

Grande parte das famílias da comunidade estão morando há bastante tempo no local, não havendo migração de famílias para a localidade, onde todos os dias

pela manhã estas famílias dirigem-se para as colônias ou como os mesmos dizem para “o centro” local de trabalho afastado de seus domicílios, pois é lá que ficam suas plantações e criações. Essa rotina começa toda manhã quando o galo canta e termina assim quando sol baixa facilitando o retorno para suas casas. Esse processo se torna repetitivo de segunda a sexta feira.

Num passado próximo esse deslocamento era feito a pé ou de bicicleta, uma caminhada diária que em média durava 45 minutos, ou a metade desse tempo de bicicleta, em muitas famílias isso ainda acontece. No entanto, essa caminhada deu lugar a meio de transporte mais rápido, que foram as motocicletas. A utilização da motocicleta na comunidade serviu não apenas para ir ao trabalho, como também para o transporte da produção agrícola, e o deslocamentos para outras comunidades próximas.

A produção cultivada nessas colônias, são para consumo próprio das famílias, uma vez que se trata de uma produção de pequena escala. Quando se tem uma produção em escala maior, é a mandioca a principal matéria prima, que posteriormente transformada em farinha é vendida na comunidade, ou em forma de troca. Em alguns casos colocada nos barcos para ser comercializada na cidade de Parintins.

Não diferente de outras comunidades rurais, em Santa Rita de Cássia, não oferece muitas opções para se ter uma renda salarial, pois a única forma de conseguir é através do funcionalismo público. Isso faz com que algumas famílias ou membros dela, deixem a localidade em busca de oportunidades nas cidades, como Parintins e Manaus mais precisamente. Esse deslocamento para a cidade ocorre principalmente nas famílias mais jovens, as quais, mesmo sendo nascidas na comunidade ou na região não se mantêm de forma muito apegada ao lugar, estando mais voltados para opções do capital.

Os moradores locais ainda convivem com a tranquilidade típica do rural. Em conversa, eles ressaltam a tranquilidade de se viver em uma comunidade onde ainda é possível ter paz. Apesar da chegada da energia elétrica que poderia mudar

a rotina na comunidade, estes ainda reservam um tempo para se encontrar em algum local para conversar, seja no topo “ribanceira” subida que dá acesso a comunidade, na frente da casa do vizinho ou na beira do campo de futebol, onde todas as tardes homens e mulheres se reúnem para jogar bola ou apenas olhar como forma de passa tempo.

As tardes na comunidade são cheias de surpresas a cada dia, seja de um fato ocorrido nas proximidades ou até mesmo através do anúncio dizendo que “o fulano” (ao longe) pescador chegou do lago e tem peixes para vender. Para outros, os mais jovens, especificamente nos dias de segunda, quinta e sexta-feira, esperam ansioso pela chegada dos barcos que retornam de Parintins para fazer o transporte de mercadoria ladeira acima em troca de alguns trocados.

Dado a distância que a comunidade se encontra da sede municipal, o sinal de telefonia móvel na comunidade chega de forma muito fraca, quando se quer fazer o uso de aparelho celular, as pessoas se deslocam para frente da igreja, onde o sinal chega com maior frequência. Dessa forma é comum vermos as pessoas nesse local usando celular. Sendo que no início da noite o número de pessoas aumenta em sua maioria jovens com seus smartphones acessando redes sociais entre outros aplicativos.

### **3. PANORAMA EDUCACIONAL NA COMUNIDADE**

Na educação constatou-se certo equilíbrio de grau de escolaridade entre os comunitários aqueles que possuem ensino fundamental e ensino médio completo. Isso explica um bom número de pessoas alfabetizadas, que deram seguimento aos seus estudos pela necessidade de trabalharem na roça ou na pesca para sustentar suas famílias.

Na comunidade Santa Rita existe uma escola patronizada, de nome Escola Municipal “Marcelino Henrique”, que atende as séries de Ensino Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio Tecnológico e uma turma de aluno da Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras – Facel Digital.

No ano de 2018 os dados da escola mostram que, são 15 alunos matriculados na educação infantil, correspondendo as series de Maternal II, I e II Período; 44 e alunos nas séries de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, 93 alunos nas séries de 6º ao 9º ano do ensino fundamental e 50 alunos distribuídos nas séries de 1º ao 3º ano do Ensino Médio Tecnológico. Sendo que os alunos que estudam o Ensino Médio, vem de toda a região da Valéria, que é composta por 06 (seis) comunidades.

Nas demais séries, a escola recebe alunos de todas as comunidades da região da Valéria, sendo esta e mais e a Escola Municipal Mary Fran Azedo Dray, na comunidade de Bete Semes que oferecem vagas para turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamenta. As demais escolas da região atendem apenas estudantes das séries iniciais, 1º ao 5º em turmas multisseriadas.

**Figura 07** Escola Municipal “Marcelino Henrique”, maior Centro Educacional da região da Valéria.



Escola Municipal “Marcelino Henrique”  
Fonte: Reginaldo Luís – Abril 2018

A educação na comunidade é oferecida de forma gratuita para alunos até o 3º ano do Ensino Médio. Com índices de aprovação considerados bons e um bom aproveitamento no aprendizado por parte dos alunos. Dados educacionais dos anos de 2016 e 2017 da Escola Marcelino Henrique mostram o resultado do ensino na

comunidade, neles é possível perceber um bom índice de aprovação, uma taxa de abandono inexistente, resultado com compromisso que os professores tem com a educação local. Sendo que a escola apresentou um índice de 4,3 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB 2017 Inep (2018).

Em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade de Parintins tiveram nota média de 5.4 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 4.6. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 3 de 62. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 1 de 62. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 93 em 2010. Isso posicionava o município na posição 20 de 62 dentre as cidades do estado e na posição 5332 de 5570 dentre as cidades do Brasil. (IBGE 2018)

Atualmente o quadro de funcionários da escola Marcelino Henrique é composto por 17 profissionais, distribuído em; 01 gestor, 01 coordenador pedagógico, 01 Auxiliar Administrativo, 09 professores, 01 merendeira e 02 vigias e 02 auxiliares de serviços gerais. Em sua maioria, contratados através de processo seletivo feito pela SEMED, outros são professores concursados que exercem a profissão a mais tempos, que já constituíram famílias na comunidade, possuem residência própria.

Destaca-se, no entanto, que esses funcionários estão inseridos diretamente no aquecimento da economia tanto do município de Parintins como da comunidade em questão, uma vez que essa é a principal renda local, juntamente com o Bolsa Família. Dados da Prefeitura de setembro de 2018 mostram que mais 6 milhões de reais são injetados na economia do município, abrangendo todos os setores da municipalidade.

Quando o programa Luz para Todos ainda não havia chegado na comunidade era a escola quem fornecia energia elétrica para as casas, bem como água encanada uma vez que o poço artesiano da comunidade havia sido desativado, realidade que perdura até os dias atuais. O abastecimento de água na comunidade é feito através do poço artesiano que a escola oferece. Essa estrutura é parte integrante da escola e atualmente conta com três reservatórios de água, sendo

que um é somente para a escola e outros dois são responsáveis por armazenar e distribuir água para comunidade.

A água que é fornecida para a comunidade não passa por nenhum tratamento específico. Apenas uma vez por mês um funcionário da escola responsável por ligar e desligar o equipamento que faz o bombeamento dessa água, é que faz a aplicação de cloro diretamente no poço artesiano. Sendo que este processo é desconhecido pela maioria dos comunitários. Em conversa, muitos desconhecem a qualidade da água que consomem, quando questionado sobre a água, se era tratada ou não 67% das pessoas afirmaram que água era tratada, no entanto desconheciam como era feito o processo de tratamento. Os outros 33% dos entrevistados afirmaram que a água não é tratada, enfatizando que se é tratada desconhecem como é feito esse processo também.

Em Parintins dados do IBGE 2018 – mostram que 36.770 m<sup>3</sup> de água tratadas são fornecidas por dia. No entanto o Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto - SAAE Parintins responsável por fazer a manutenção dos equipamentos presentes na comunidade não apresentou nenhum estudo sobre a qualidade da água que é distribuída para os comunitários.

Percebe-se por parte dos comunitários, o interesse em saber a qualidade da água que estão consumindo, uma vez que na comunidade ainda existem uma certa quantidade de sanitários, os buracos negros, os quais despejam dejetos fecais diretamente no solo podendo contaminar o lençol freático bem como o cemitério existente na comunidade e a criação de bovinos em terrenos próximos.

O abastecimento na comunidade é feito 24 horas por dia, em algumas ocasiões esse fornecimento é interrompido por falta de energia elétrica na. Quando isso acontece é usado o motor de luz da escola, mas para que isso aconteça de forma a abastecer a comunidade depende muito da disponibilidade de combustível, uma vez que a com a chegada do programa Luz para Todos a escola passou a receber uma cota menor de combustível, apenas para suprir a necessidade de energia elétrica nas aulas do Tecnológico.

O sistema de fornecimento de energia elétrica na área é feito pela Amazonas Energia, através do Programa Luz Para Todos do Governo Federal. Esse programa, chegou de forma efetiva no ano de 2011, fornecendo diretamente da usina de Vila Amazônia. No entanto, o problema de energia elétrica ainda não foi solucionado, pois as constantes interrupções de energia ainda é uma realidade local. Isso porque dada as condições que os cabos elétricos foram instalados (em mio às árvores) fazem com que os mesmos sejam facilmente rompidos.

De acordo com dados do Programa de Aceleração do Crescimento PAC Somados os resultados positivos de benefícios à população mais vulnerável do País, sincronização de ações nos planos nacional e estadual e parceria com a iniciativa privada, o Luz para Todos pode ser considerado um dos programas de políticas públicas mais bem sucedidos do governo federal desde 2003, quando foi criado. A meta era alcançar 2 milhões de famílias do meio rural sem energia elétrica, sendo 90% delas abaixo da linha de pobreza, segundo o Censo do IBGE de 2000, (PAC, 2016)

Os marcos legais do programa são a Lei 10.438 de 26 de abril de 2002, da universalização do acesso à energia elétrica, e a Lei 10.762 de 11 de novembro de 2003, criadora do Programa Nacional de Eletrificação Rural Luz para Todos. Em novembro do ano de 2015, 12 anos depois do seu lançamento, o total era 3,2 milhões de famílias com moradias conectadas à rede de eletricidade dentre elas muitas comunidades do interior de Parintins. (PAC, 2016)

Anterior ao ano de 2011, a energia elétrica era fornecida através do grupo gerador da escola. Geralmente era ligado somente na escola as 18:00 e mais tarde lá pelas 19:00 então que era ligado par comunidade em geral e desligado às 22:30 quando terminavam as aulas. Mas, a energia nesse período era insuficiente apenas não suportando ligar alguns aparelhos, em vista sua baixa voltagem. Resultado da precária rede de distribuição elétrica existente na época. Nesse período os equipamentos eletrônicos mais utilizados eram os televisores

### 3.1 - SITUAÇÃO HABITACIONAL NA COMUNIDADE

Antigamente, logo quando surgiu o povoado de Santa Rita, as casas tinham suas estruturas em madeira retirada da região, coberta com lascas de árvores *cacos* ou palha de palmeiras nativas, amarradas com cipós facilmente encontrado nas matas locais, as paredes em sua maioria eram feitas de barro ou palha, os grandes barracões como eram conhecidos possuíam o chão de terra batida em alguns casos assoalhos feitos de palmeiras lascada.

Geralmente essas residências eram divididas com várias famílias, as quais se reuniam para alguma comemoração específica, ou para o encontro com os conhecidos que vinham de outras localidades. Muitas das vezes os moradores trabalhavam a semana toda nas colônias e só retornavam para o aglomerado aos finais de semana. Os moradores mais antigos destacam que os locais conhecidos como Miritizal Seco e Andirobal eram onde se situavam a maior concentração da produção local, esses locais eram escolhidos por conta da facilidade em encontrar água, caça e pesca.

Com o passar dos tempos essas construções foram ganhando condições melhoradas, graças a novas técnicas de extrair madeira e o acesso a outros materiais de construções básicos. Porém, até o ano 2000 ainda existiam algumas casas de palha que logo foram dando lugar às casas nos moldes que vemos hoje. Atualmente, existem na comunidade um total de 80 residências, incluindo dois prédios que também servem de moradia.

**Figura 08** – Casa construída em alvenaria na comunidade Santa Rita de Cássia da Valéria.



Exemplo de moradias na comunidade – casa em alvenaria  
Fonte: Marcos Neris - 2018

A maneira como as moradias são construídas na comunidade, é resultado de alguns fatores importantes a se destacar. Em sua maioria as casas são mistas, sendo, metade madeira e metade alvenaria. No entanto, há poucas casas construídas em alvenaria. Isso deve em primeiro lugar às condições de renda nas quais as famílias possuem, pois quem tem como construir naturalmente faria sua casa em condições melhores.

Outro fator importante é a dificuldade de se transportar material de construção para a comunidade, uma vez que se tratando de vias terrestre, a estrada não oferece condições adequadas para o transporte, e se oferecesse um frete de caminhão sairia muito caro e por via fluvial a subida no porto da comunidade dificulta bastante. Dessa forma é mais viável construir com materiais extraídos da floresta local, no caso a madeira.

Na comunidade não há tratamento de esgoto sanitário e a água depois de usada é despejada diretamente nos quintais das casas. Em algumas dessas residências a água é levada por um cano para mais longe da casa e em outros é jorrada diretamente do “jirau”

Os dados do IBGE (2018) mostram que em Parintins, 19.3% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 87.4% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 10.2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 18 de 62, 2 de 62 e 17 de 62, respectivamente. Já quando comparado a outras cidades do Brasil, sua posição é 3672 de 5570, 1750 de 5570 e 2776 de 5570, respectivamente IBGE (2018)

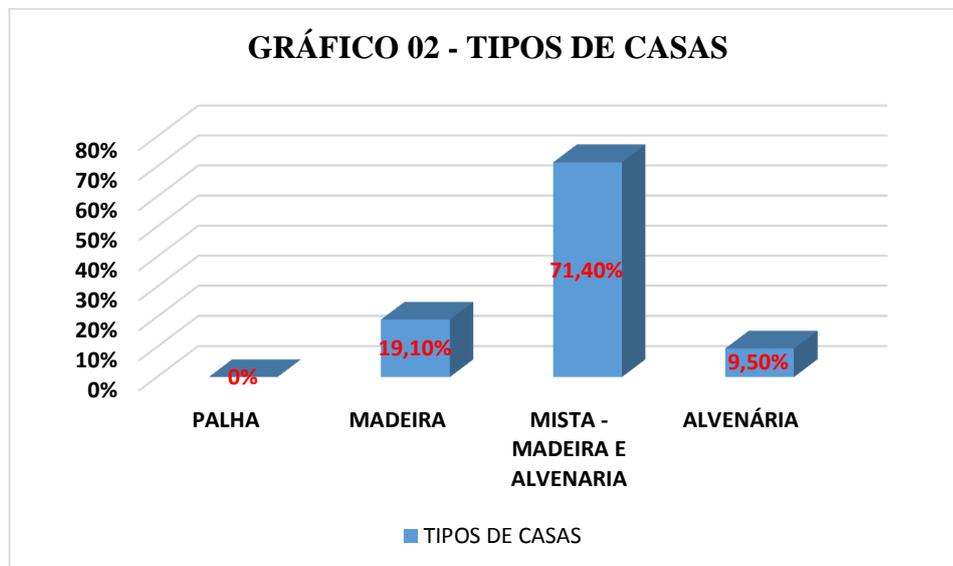
O gráfico 02 na página 35, mostra os tipos de construções existentes na comunidade. De um total de 80 casas construídas especificamente para moradia, 19,10% são casas de madeiras, seja na estrutura, paredes e assoalhos, geralmente coberta com telhas de amianto *brasilit*, 71,40% são casas mistas, tendo sua base em alvenaria, cimento ou cerâmica, e suas paredes feitas de madeira. Destacamos que essa madeira é extraída na própria região. E o restante cerca de 9,50% são casas feitas em alvenaria.

**Figura 09** - Exemplo de casa construídas de madeira muito comum na comunidade. O material do qual são construídas são extraídas na própria região por pessoas na da comunidade. Dessa forma se torna mais barato a construção.



Exemplo de moradias na comunidade – Casa de madeira  
Fonte: Marcos Neris - 2018

**Gráfico 02** Tipos de moradias existentes na comunidade. Pesquisa fevereiro de 2018.



Tipos de moradias existentes na comunidade  
 Fonte: Trabalho de campo, fevereiro de 2018  
 Organizador: Marcos Neris - 2018

Essas moradias em sua maioria apresentam condições boas para morada, algumas possuem banheiros dentro da casa (vaso sanitário) e outras não, nesse caso são feitas as fossas negras como sanitário. Na maioria das casas visitadas encontra-se uma estrutura de madeira na qual é utilizada como banheiro de tomar banho, sendo que a água é despejada diretamente no fundo desses quintais.

O saneamento básico na comunidade é muito precário ou inexistente, realidade esta da maioria das cidades amazonense como mostra os dados do (IBGE 2010), onde apenas 32 municípios distribuem água tratada; 06 fazem a distribuição da água parcialmente tratada e outros 24 municípios oferecem água sem nenhum tratamento.

Dessa forma fizemos uma análise ambiental na comunidade visando levantar questionamento acerca dos resíduos sólidos produzidos na comunidade, seu descarte e destino final, e através desses resíduos conhecer um pouco mais da alimentação dos comunitários, pois através do que é encontrado nas lixeiras é possível entender os alimentos mais consumidos.

Em uma comunidade rural como Santa Rita da Valéria, onde não é diferente de outras comunidades rurais do município de Parintins, onde não há um sistema de coleta de lixo, são os próprios moradores os responsáveis pelo destino final dos mesmos. Quando questionados sobre o que era feito com o lixo, a maioria dos entrevistados, 86% foram enfáticos em dizer que era queimado, 11% disse que enterrava o lixo e 3% simplesmente descarta aleatório no meio ambiente como mostra o gráfico abaixo.

**Gráfico 03 – Destino final do lixo produzido nas residências locais.**



Destino dado ao Lixo produzido nas residências da comunidade

Fonte: Trabalho de campo, Julho de 2018

Organizador: Marcos Neris - 2018

Destacamos aqui que se trata de Lixo Comercial, que são os resíduos originados nos diversos estabelecimentos comerciais e de serviços, tais como mercearias, bares e embarcações. E o Lixo Domiciliar, estes por sua vez são muitos diversificados, mas contém principalmente restos de alimentos, produtos deteriorados, embalagens em geral, retalhos, jornais e revistas, papel higiênico, fraldas descartáveis entre outros.

Segundo a pesquisa do IBGE, em 64% dos municípios brasileiros o lixo é depositado de forma inadequada, em locais sem nenhum controle ambiental ou

sanitário. São os conhecidos lixões ou vazadouros, terrenos onde se acumulam enormes montanhas de lixo a céu aberto, sem nenhum critério técnico ou tratamento prévio do solo, com a simples descarga do lixo sobre o solo. Além de degradar a paisagem e produzir mau cheiro, os lixões colocam em risco o meio ambiente e a saúde pública, Ministério do Meio Ambiente (2013)

### 3.2 O COMÉRCIO E HÁBITOS ALIMENTARES DOS MORADORES

O comércio na comunidade é tido como alternativa para as necessidades que cada dia apresenta para os moradores locais, uma vez que dada a distância da cidade de Parintins, é difícil o deslocamento apenas para fazer compra de alimentos diariamente ou semanalmente. Para isso o comércio local auxilia nas necessidades básicas.

**Figura 10 –** Merceria na comunidade



**Mercearias da comunidade**  
**Fonte: Marcos Neris – Abril 2018**

Na comunidade existem três mercearias, uma residência que funciona como padaria e algumas casas que vendem combustíveis como gasolina e óleo diesel. Nas mercearias locais (geralmente residências com pequeno cômodo transformado

em comércio), é possível encontrar variedade de produtos, gêneros alimentícios, frios, enlatados, materiais de limpeza, artigos esportivos, medicamentos, gás de cozinha e bebidas. Nesses comércios, é possível encontrar variedade de produtos, e em

**Figura 11** – Interior de outra mercearia local.



Em conversa com donos de mercearias, a venda de produtos na comunidade varia de acordo com a fase econômica pela qual os moradores passam, sendo que está é sempre mais ativa no período compreendido entre outubro e abril, meses em que o fluxo de turistas estrangeiros é maior na região. Dessa forma há também um maior consumo de mercadorias.

Os comunitários matem sua tradição baseada em produtos da própria região, em sua maioria de produção própria. Dentro de uma determinada família há quem tenha tarefas quase que específicas, seja para a caça, para a pesca dentre outras maneiras de ajudar no sustento da casa. Isso geralmente designado aos filhos maiores.

A comunidade é rodeada por dois lagos principais, um denominado de lago da Valéria, lago este que dá acesso as outras comunidades pertencentes a região, e

outro outras pessoas que moram às suas margens. Outro lago mais próximo e muito importante para a comunidade recebe o nome de Laginho, isso se dá, devido o mesmo se se reduzir a um lago muito pequeno no período de vazante do Rio Amazonas.

Em tese esses dois lagos poderiam servir como fonte fornecedoras de alimentos para as comunidades, porém na maior parte do ano quando o nível da água é alto os mesmos são poucos utilizados para a pesca servindo principalmente para a navegação. Esse é período os igapós, que são as matas que se encontram às margens dos lagos, geralmente são de difícil acesso em seu interior por devido a incidência de árvores baixas, cipós e plantas aquáticas é de se tornam os local de pescaria.

Nos cinco últimos meses do ano, período em que o nível das águas começa a baixar, e há o represamento parcial das águas nos dois lagos, é também o período onde há o maior fornecimento de alimentos aos moradores. Isso se dá por conta da concentração dos pescados nos lagos, facilitando a pesca. São os meses do ano em que “todo mundo é pescador”.

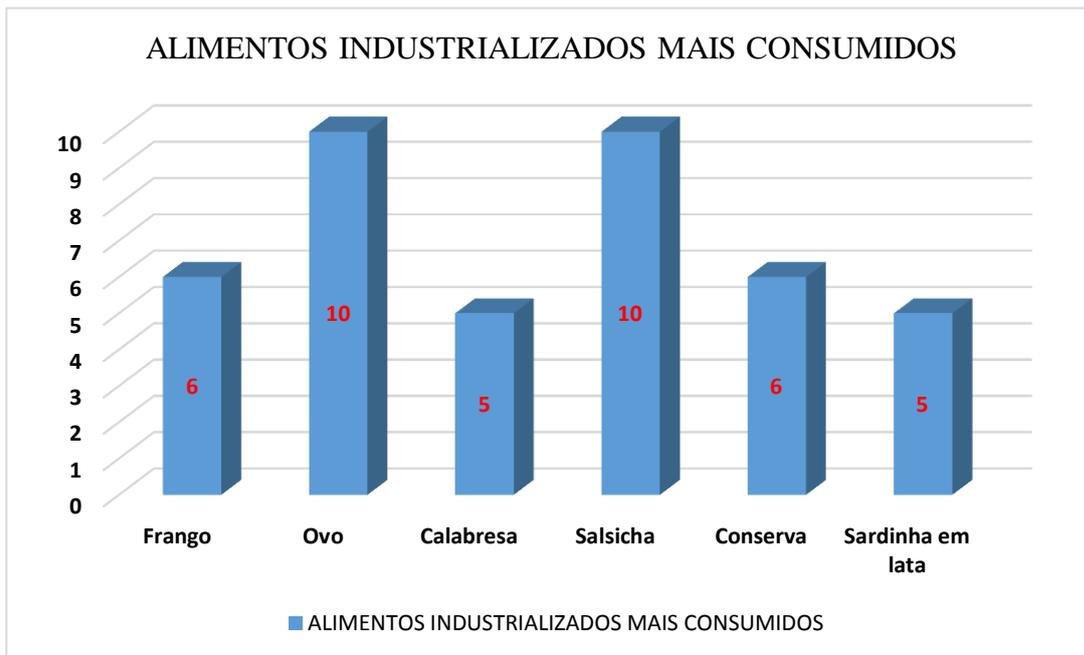
A escassez de peixes durante alguns meses do ano na comunidade, leva os moradores a procuram outras alternativas de alimentos. Na comunidade não existe uma venda fixa de peixes, uma vez ou outra, vendedores de peixe de outras comunidades vão fazer a comercialização de seus pescados. Quando isso acontece a procura é grande o peixe é vendido em poucas horas. Essa escassez de pescado ocorre devido aumento do nível das águas do Rio Amazonas, fazendo com que os lagos se encham dificultando a pesca.

Na busca de novas fontes de alimentos para complementar o pouco que é encontrado na região, os comunitários recorrem às mercearias da comunidade, que oferecem uma gama de produtos industrializados. Já outros, porém, aproveitam a viagens de barco duas vezes na semana para a sede do município para comprar seus produtos.

O gráfico 04 mostra os produtos industrializados mais consumidos pelas famílias locais, dados de fevereiro de 2018. Nesses dados é possível verificar que os

alimentos mais procurados são também os mais baratos, como é o caso da salsicha e ovo. Geralmente são utilizados para complementar o alimento diário que é o peixe. Sendo que são as crianças menores os maiores consumidores dos alimentos industrializados.

**Gráfico 04** - Alimentos industrializados mais consumidos mais consumidos na comunidade de acordo com a pesquisa.



Principais alimentos Industrializados consumidos na comunidade  
 Fonte: Marcos Neris - 2018

Aí percebe-se o costume do morador da comunidade rural, que sempre teve seu alimento à base de peixe ou caça, que não troca seu alimento tradicional pelos industrializados, quando isso acontece é em pequena quantidade. Esse índice baixo de produtos industrializados não está voltado associado apenas aos hábitos alimentares tidos como rurais, mas também caminha junto com os preços pelos quais os mesmos são vendidos, uma vez que um frango em uma mercearia local não sai por menos de 15 reais.

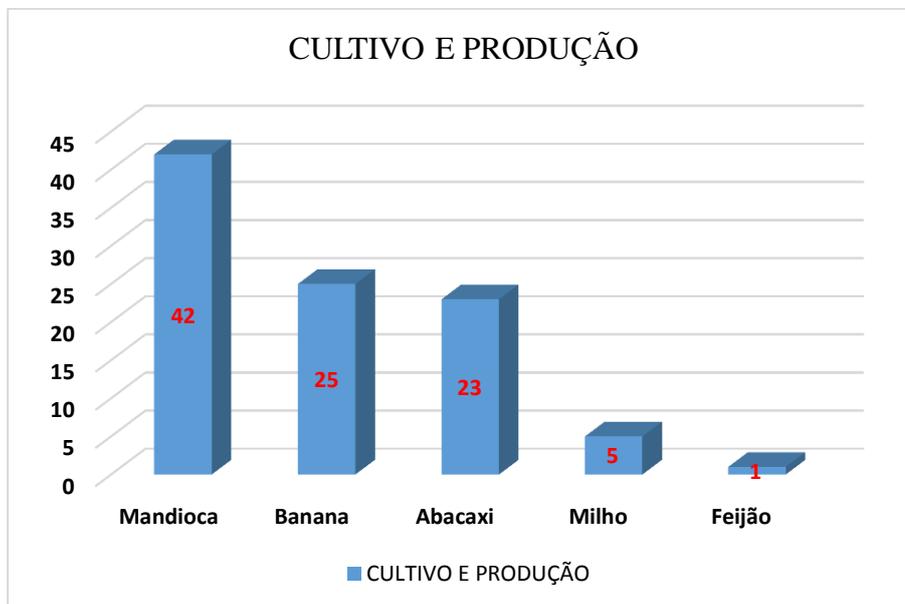
Os comerciantes relatam que em alguns meses do ano há um consumo maior de produtos industrializados, devido a escassez de pescados na região, esse período culmina justamente com o período no qual os mesmos chamam de “período

dos turistas”, onde também há uma circulação maior de dinheiro na comunidade. Nesse período se chega a vender muitas caixas de frango durante a semana. Em outras partes do ano o consumo é menor.

### 3.3 A PRODUÇÃO ALIMENTAR

As atividades produtivas mais desenvolvidas pelos comunitários são o cultivo da mandioca, da banana, do abacaxi, do milho, feijão entre outras plantas frutíferas; também desenvolvem a pecuária em pequena quantidade. Trata-se de uma produção independente, pois não recebem incentivo de nenhuma esfera do poder público. E em geral esses produtos são comercializados na própria comunidade.

O gráfico 05 mostra os produtos mais cultivados pelos comunitários locais.



Produtos mais produzidos pelos comunitários em seus locais de plantação  
 Fonte: Trabalho de campo Abril de 2018  
 Organizador: Marcos Neris

Quando questionados sobre a assistência técnica, os mesmos são unânimes em dizer que não há nenhuma ajuda técnica de quem deveriam, como por exemplo a Cooperativa dos Técnicos e Multiprofissionais em Agropecuária - COOTEMPA. No entanto, para os pequenos criadores de bovinos há uma fiscalização muito grande por parte da ADAF (Agência de Defesa Animal e Floresta), principalmente no período de imunização contra a Febre Aftosa e outras.

O presidente do Conselho dos Assentados da Gleba Vila Amazônia, reconhece a ausência de assistência técnica e diz que é resultado da falta de compromisso por parte do governo, ressaltando ainda que o município de Parintins prefere comprar produtos vindos de outras cidades, principalmente do estado do Pará do que fazer investimento na produção local.

Ao nos referimos a comercialização desses produtos, a maioria é vendido na própria comunidade, uma vez que se trata de produção em pequenas quantidades. A mandioca, no entanto, apresenta um índice maior de cultivo, porém é uma produção de subsistência, onde as cultivam para o consumo próprio. Quando se observa uma embarcação que sai da comunidade com destino a sede do município, não se vê nenhuma produção para a venda, nem mesmo produtos do extrativismo. Reflexo do baixo cultivo que nem mesmo chega a sair da comunidade.

### **3.4 O USO DO RIO**

A relação entre o homem o rio é feita de forma direta, seja para a navegação, pesca, lazer ou até mesmo para o consumo da água. Em geral são as crianças que se divertem as margens do rio pulando n'água, em outros casos a necessidade com a falta de água encanada leva os moradores a suprirem suas necessidades.

A imagem 09 mostra crianças e jovens se divertido no lago da Valéria, no porto da comunidade. Esse local é utilizado constantemente como lazer, geralmente nos finais de semana, no período compreendido de 12:00 as 14:00. As pessoas adultas da comunidade não fazem o uso do rio para diversão, este é apenas utilizado quando há a falta de água encanada na comunidade.

No entanto, muitas pessoas fazem o uso diretamente do rio, devido à localização às suas margens de onde usam sua água para consumo, atividades domesticas, bem como lazer e pesca. Os lagos da região são em sua maioria de aguas pretas em partes transparentes (transparência de 1 a 2m) em geral a cor dessas aguas é resultado do solo às suas margens, bem como das matas de igapó.

**Figura 12** Jovens se divertindo no lago da comunidade. em geral são eles que mais usam o rio para a diversão.



Jovens se divertindo no lago próximo a comunidade  
Fonte: Marcos Neris – Julho 2018

Em um passado recente a maioria dos deslocamentos para as colônias era feito através do rio. E outra metade a pé ou de bicicleta. Hoje, em sua maioria é feita de motocicleta, uma vez que a comunidade é interligada por estradas. Que de alguma forma facilita o escoamento da produção. A compra de motocicletas se deu recentemente e está associada às necessidades de deslocamento tanto para seus locais de trabalho (as colônias) como para outras comunidades localizadas às margens da estrada ou para a cidade Parintins.

Quando analisado as condições financeiras em que essas motocicletas foram adquiridas, nota-se situações diferenciadas. Alguns compraram com a venda de gado, outros com a retirada do auxílio maternidade pago pelo Governo Federal, vale destacar que em sua maioria são veículos já usados os de “segunda mão”, portanto, não percebido uma melhora financeira significativa na vida dos moradores que os levassem a adquirir tais veículos.

A classe dos professores, se destaca de forma financeiramente estável dentro das possibilidades, sendo estes também proprietários de desse meio de

transporte, que em sua maioria serve como deslocamento para seus locais de trabalho, escolas de outras comunidades e também para a cidade de Parintins.

### **3.5 OS MEIOS DE TRANSPORTE NA COMUNIDADE**

A comunidade da Valéria está localizada a 52 km da sede do municipal, e, portanto, não há transporte diariamente para a cidade, mesmo tendo duas vias de acesso que é a marítima e a terrestre, algumas das pessoas proprietárias de motocicletas sempre se arriscam na estrada de chão batido e lama para ir e voltar da cidade no mesmo dia, o mesmo fazem os que tem as canoas com motores de poupa, conhecidos como rabetas, (motores de baixa cilindrada, acoplado na poupa de canoas) que por vias fluviais se dirigem até a cidade.

Na região da Valéria existem atualmente quatro embarcações que fazem viagens semanais para a Cidade de Parintins. Aos domingos, dois desses meios de transporte fazem regularmente suas viagens para a sede do município, já na madrugada de segunda feira outras duas embarcações fazem esse mesmo percurso, e ambas retornam para a região na segunda feira. E esse processo se repete nas quintas e sextas feiras.

Em conversa, os proprietários das embarcações, os mesmos destacam que a falta de passageiros é fator importante para não se ter linhas de transporte diário para Parintins, juntamente com o aumento no preço dos combustíveis fazendo com que encareça o valor das passagens. Ressaltam, no entanto, que durante o mês, existem semanas onde esse fluxo de passageiros é maior, com destaque para os finais e início dos meses, onde as pessoas se deslocam da comunidade a procura de produtos e serviços que não são oferecidos na comunidade.

Tabela 02 mostra a frequência em que as pessoas vão à cidade. Ressaltado que dado as condições financeiras das famílias a maioria se desloca apenas mensalmente

Mensal	39
Semanal	07
Diário	00

Tabela mostrando a frequência com que as pessoas se vão à cidade  
 Fonte: Marcos Neris – Julho 2018

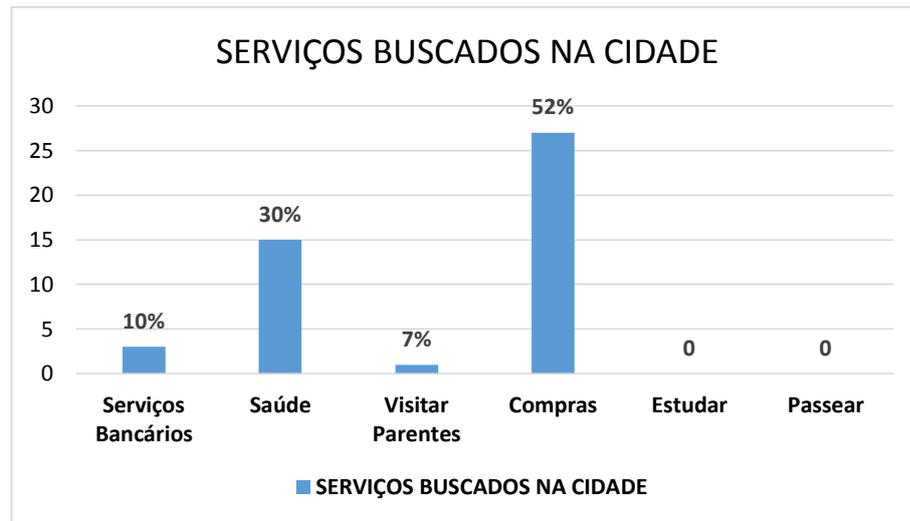
A tabela 02 mostrando a frequência em que as pessoas se deslocam para Parintins, uma maioria vem apenas uma vez no mês, geralmente ao final de cada mês, reflexo das condições econômicas nas quais as famílias da comunidade se encontram. Muitas dessas famílias aproveitam as *caronas*, que são passagens na companhia de parentes em pequenas embarcações geralmente na madrugada, para retornar no mesmo dia para a comunidade.

Quando questionados qual o motivo de suas idas até a cidade, o gráfico 06, mostra que 52% das pessoas vão fazer compras, isso se dá especificamente aos finais de cada mês, período também que coincide com o pagamento do bolsa família, principal renda fixa da maioria dos comunitários.

O Programa Bolsa Família (PBF) é uma política social que busca a redução da pobreza e a minimização da desigualdade social (Haddad, 2008 *apud* Santos, Silva, Koller 2016). Para alcançar esses objetivos, o governo federal realiza a transferência direta de renda com condicionalidades, beneficiando famílias pobres e extremamente pobres de todo o país. Os benefícios monetários são concedidos mensalmente às famílias e variam de acordo com a renda per capita e a quantidade de crianças, adolescentes e gestantes.

Lançado em 2011, o Plano Brasil sem Miséria, tinha a finalidade de superar a condição de extrema pobreza, que ainda atingia uma grande parcela da população brasileira, criando oportunidades de levar a renda e o acesso a serviços desses seguimentos mais vulnerável, Escola Nacional de Formação (2013). E esse programa é reconhecido de forma positiva pelos moradores rurais pois em muitas famílias é a única renda fixa.

**Figura 06** - Principais serviços buscados na sede do município.



Principais serviços buscados na cidade de Parintins  
 Fonte: Trabalho de campo – Organizador Marcos Neris – Julho 2018

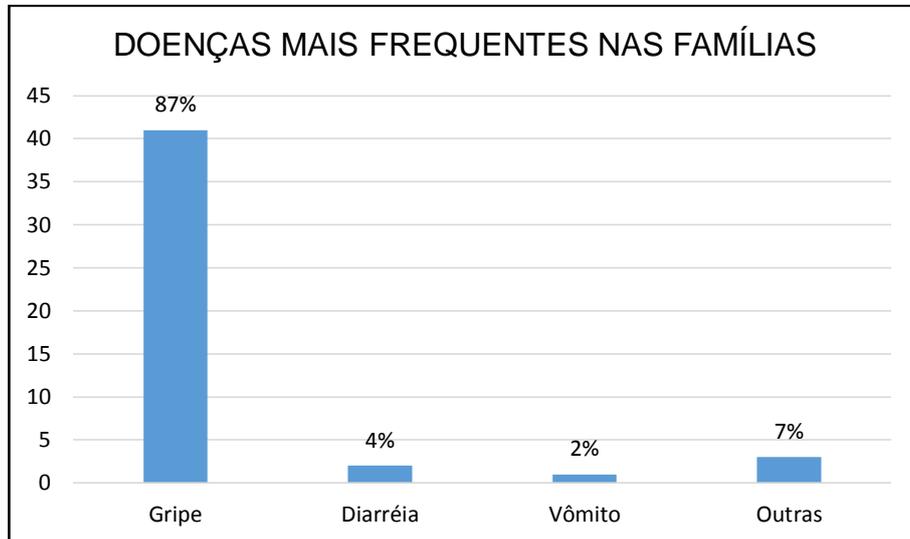
Na comunidade não existe posto de saúde funcionando no ano de 2001, foi construído um prédio na comunidade através de recursos provenientes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, onde funcionaria o posto de saúde da comunidade. No entanto, sem o interesse do poder público aos poucos o prédio foi se deteriorando e hoje um de seus cômodos serve como moradia.

As famílias da comunidade são atendidas diretamente quando vem a cidade Parintins, em outros casos quando campanhas da Secretaria Municipal de Saúde SEMSA abrange essas comunidades, isso dificilmente acontece. Quando há algum caso grave de doença que necessite de cuidados médicos, é solicitado uma ambulância para fazer o transporte do paciente. Não há registros de doenças graves na comunidade, sendo que as ocorrências mais comuns são acidentes de trabalho, acidentes domésticos e outros casos que necessitam de cuidados mais específico.

O gráfico 07 mostra as doenças mais comuns que afetam os comunitários, com destaque para as viroses, que em sua maioria é tratada com remédios caseiros, e produtos encontrados na própria região. Outra doença que também aparece com mais destaque é a diarreia. Segundo os moradores locais é causada pelo consumo

principalmente da água que não é tratada. No entanto, não há registro de pessoas que tiveram maiores complicações por conta de diarreia e vômito.

**Gráfico 07 - Índices de doenças na comunidade**



Índice de doenças frequentes na comunidade

Fonte: Trabalho de campo – organizador: Marcos Neris – Julho 2018

Esses dados mostram que mesmo com a falta de infraestrutura e saneamento básico inexistente, a forma como os comunitários locais cuidam de suas moradias tornam o ambiente saudável, sem que haja espaço para criadouros de animais e insetos que causadores de doenças.

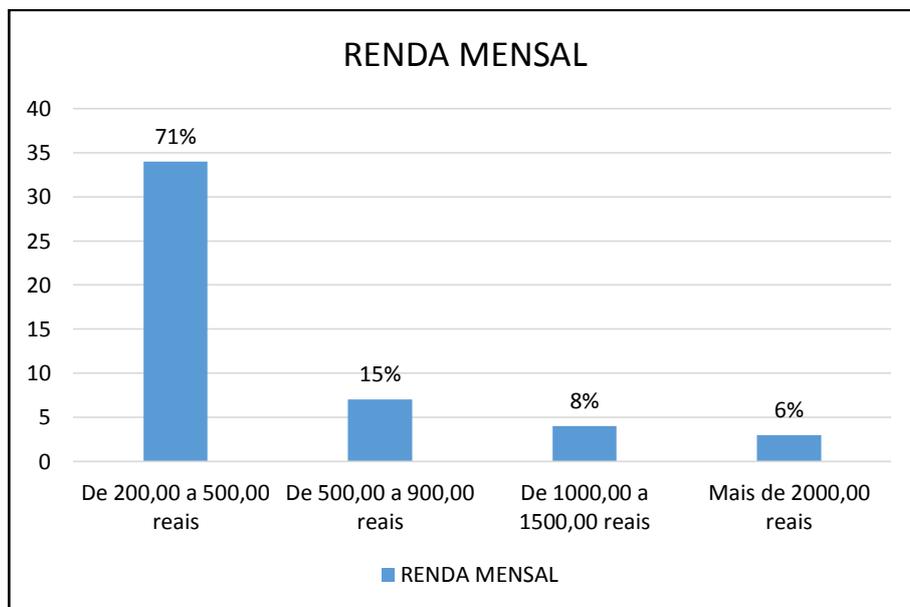
### 3.6 A ECONOMIA NA COMUNIDADE DE SANTA RITA DE CÁSSIA

Em Santa Rita da Valéria, a economia gira em torno da produção agrícola, onde seu excedente é comercializado, com destaque para a produção de farinha de mandioca e seus derivados, sendo que existem outras formas dos comunitários conseguirem algum dinheiro, como é o caso do trabalho pago em diárias no valor de 30 reais, este geralmente feito nas propriedades dos criadores de gado da região, ou no período de preparar o terreno para a plantação de mandioca.

Dados coletados no mês de julho de 2018, mostram que a maior fonte de renda fixa das famílias da comunidade, é oriunda de programas sociais do Governo Federal, como o Bolsa Família, outras de aposentadoria e uns poucos do funcionalismo público. Porém em alguns meses do ano o turismo é que faz aquecer a economia na região.

O gráfico aponta que a renda mensal dos moradores gira em sua maioria de R\$:200,00 a R\$:500,00 reais mensais, são as famílias que recebem bolsa família e complementam essa renda com venda de farinha, frutas e outros trabalhos pagos em diárias, geralmente essas diárias são pagas no valor de 30 reais.

**Gráfico 08** – mostrando a renda mensal dos moradores da comunidade.



Dados da renda mensal em algumas famílias da comunidade  
Fonte: Marcos Neris – Julho 2018

Na comunidade Santa Rita, bem como em toda a região da Valéria existe uma boa quantidade de artesões, que trabalham na confecção dos mais diversos tipos de artesanato. A comercialização desses artesanatos é feita principalmente no período em que os cruzeiros, com turistas estrangeiros atracam na “Boca da Valeria”, período compreendido entre os meses de outubro a abril, o que não configura uma fonte renda anual. No entanto, muitos desses artesanatos são comercializados o ano todo, mesmo que de forma mais gradual.

A comercialização dos artesanatos na comunidade fora do período considerado de maior expressão, onde a venda é voltada para os turistas estrangeiros, acontece quando pessoas de outras cidades visitam a comunidade e se interessam pela arte local. No período do Festival Folclórico de Parintins, onde são entregues a atravessadores que fazem a comercialização.

Outro fator importante da economia local é o turismo. Na região da Valéria encontra-se localizada a Serra de Parintins, mais precisamente na comunidade de São Paulo, local conhecido como “Boca da Valéria”. Azevedo Filho (2013) em *Produção e a Percepção do Turismo em Parintins*, destaca esse ponto turístico conhecido internacionalmente por turista que viajam em cruzeiros pelo rio Amazonas. Esse local anualmente recebe centenas de turistas vindos de várias partes do planeta desembarcam para conhecer as belezas naturais que o local oferece. “O termo *boca* é usado regionalmente para designar a entrada de um determinado rio ou paraná. Nesse sentido, o termo sempre foi usado para designar a entrada da região da Valéria (Azevedo Filho 2013 pag. 174).

Essa discussão acerca do turismo necessita de um conceito, para isso nos apoiamos nos escritos de Rita de Cássia Ariza da Cruz (2003), onde argumenta que essa prática que teve início desde as primeiras viagens organizadas no século XIX – o chamado *Grand Tour Cruz (2003)*. A autora usa o conceito Organizao Mundial do Turismo (OMT), dizendo que

O turismo  uma modalidade de deslocamento espacial, que envolve a utilizao de algum meio de transporte e ao menos um pernoite no destino; esse deslocamento pode ser motivado pelas mais diversas razões, como lazer, negócios, congressos, saúde e outros motivos, desde que não correspondam a formas de remunerao direta (CRUZ, 2003, pag. 4)

A criatividade dos moradores dessa região faz com que o turismo seja uma alternativa de renda em alguns meses do ano, e isso se d de várias maneiras, seja comercializao de artesanatos que variam de confeccionados em madeira, argilas e troncos de árvores e semente, passeio de canoas, exposio em trajes indígenas, ou até mesmo caminhada em trilha. Sendo esses os serviços oferecidos aos turistas. Azevedo Filho (2013), já destacava em seu trabalho a importância dos

navios de cruzeiros para a economia local, principalmente no período no qual os mesmos chamam de safra [de outubro a abril].

Nos dias em que está agendado a chegada dos navios na comunidade, há um certo preparativo por parte dos comunitários, no diz respeito a venda de produtos seja para os turistas, seja para as próprias pessoas da região, uma vez que há uma maior circulação de dinheiro na comunidade. Nesse período é comum ter vendedores de peixes na região coisa que é difícil de se ver em outros meses do ano, sendo que em sua maioria são pescadores que se deslocam de outras comunidades.

#### **4. MUDANÇAS E PERMANECIAS NA COMUNIDADE**

Durante muitos anos o rural era visto como lugar onde reina a tranquilidade onde os saberes e fazeres locais de reproduziam, encorpando sempre costumes de outras épocas. Nesse sentido, a pesquisa procurou identificar os costumes e hábitos que ainda permanecem na comunidade após anos e com a introdução de objetos urbanos na comunidade.

Analisando o passado, identificamos que a energia elétrica foi o meio técnico que chegou e alterou a rotina dos moradores. Com a chegada da mesma, alguns dos costumes existentes ali como reunir-se pra assistir Televisão em um único ponto na comunidade, o modo de conservação dos alimentos que na maioria das vezes era salgado ou no gelo, passou gradativamente ser feito de outra maneira. Hoje se percebe que nas casas em sua maioria tem TV e as geladeiras ou freezers são usados para o armazenamento dos alimentos. Essa mudança não ocorreu de uma hora pra outra e ainda não é unanimidade nas famílias.

Outra mudança interessante diz respeito ao comércio local. A energia elétrica mesmo que de forma insatisfatória, “aqui relembro o escrito anteriormente onde enfatizo os problemas do abastecimento de energia elétrica nas comunidades rurais do Projeto de Assentamento Vila Amazônia”. Essa tornou o comércio local mais dinâmico, com maior diversidade de produtos, uma vez que há a facilidade em

armazenamento de forma mais adequado, que conseqüentemente alterou os hábitos alimentares dos moradores.

Sobre essa discursão responsável pelo fornecimento de energia elétrica na região Amazonas Energia reconhece a problema de abastecimento, em um de seus relatórios a insatisfação dos clientes com o fornecimento de energia elétrica, tanto na cidade como interior.

Problemas com o Fornecimento de Energia Elétrica Este foi, sem dúvida, o grupo que mais demonstrou revolta contra a concessionária, sentimento diretamente proporcional às dificuldades e prejuízos de todo tipo que enfrentam por causa da situação precária do fornecimento energético. Foram relatados apagões frequentes, variação de voltagem (pisca-pisca), queima de aparelhos eletrodomésticos, perda de alimentos por ausência de refrigeração e muitos outros problemas. (Relatório dos Grupos Focais com Consumidores de Energia)

A pesquisa também identificou alterações nos meios de transporte existentes ali, sendo que não é exclusividade da comunidade Santa Rita de Cássia da Valéria, mas de toda a região na qual esta faz parte mais muitas outras que situam-se as margens da estrada que são as motocicletas. Esse meio de transporte tornou a vida de muitos moradores que detém esse veículo mais rápido.

Dessa houve a necessidade do mercado de combustível na região, levando alguns moradores a fazerem o comércio de derivado do petróleo. No entanto, o auto preço que é vendido na comunidade faz com que muitos desses proprietários de veículo façam a compra diretamente na cidade mantendo em suas residências de reserva. O comércio de combustível na região já era realidade há muitos anos, uma vez que é muito comum nas comunidades o uso de rabetas (motor de baixa cilindradas acoplada na polpa de canoas), normalmente consomem gasolina.

Esse tipo de embarcação é comum na região, dado a facilidade de aquisição sendo que não são tão caros e muitas das vezes fazem parte de programas ou financiamentos do Governo Federal, e em outras através de Políticas Públicas incentivadas pela Associação dos Comunitários da Região de Juruti Velho – ACORJUVE, na qual muitos moradores locais fazem parte e recebem incentivos oriundo de royalties da extração de bauxita da região de Juruti Velho, que faz divisa com os terrenos das colônias.

Essa associação fundada no ano de 2003, com o objetivo de controlar a extração de minério na região (bauxita) pela empresa canadense ALCOA e de alguma forma

### **CONSIDERAÇÃO FINAIS**

O trabalho procurou contribuir para a definição de rural e urbano na comunidade Santa Rita de Cássia – Valéria, bem como no tocante à sua estrutura social, econômica e ambiental, pois a mesma apresenta muitas características típicas do meio rural, mesmo com a presença de objetos do meio urbano. Suas atividades predominantes estão diretamente ligadas ao campo, no entanto, já vem ocorrendo mudanças nos modos de vida da população sem haja o desaparecimento do rural.

Dentre os resultados constatou-se que o urbano se apresenta de forma imbricada ao meio rural da comunidade. Mas isso não implica no desaparecimento do rural, pois os costumes locais permanecem fortes em suas vivências diárias. Identificamos também uma carência em políticas públicas na localidade, onde, a falta de atendimento médico e transporte frequente para a cidade de Parintins torna a comunidade mais limitada em seu avanço econômico e social.

A pesquisa apontou também que a comunidade recebe bastante influência da cidade de Parintins, de onde saem a maioria dos produtos, alimentos consumidos e comercializados na localidade. Essa influência é visível não somente na questão alimentar, mas em produtos eletrônicos e serviços. A economia local é baseada na extração de produtos na natureza, plantação de mandioca, criação de pequenos animais. A pesca é feita apenas para consumo das famílias e a alimentação é complementada com produtos industrializados.

Observamos que o processo de expansão do urbano da cidade de Parintins não exerce influências consideráveis na comunidade, que ainda se mantém suas tradições. Isso pode ser observado na forma como se organizam as festas, as promoções e até mesmo como é feita a distribuição dos terrenos. Essas influências são relacionadas aos modos de vida na comunidade Santa Rita.

A pesquisa mostrou a importância de uma análise a partir do processo de urbanização das comunidades rurais do município de Parintins. Destacando que o rural e urbano aparecem de forma muito interligada onde a complementaridade torna-os essenciais. Além de tudo estudar a Comunidade Santa Rita de Cássia nos possibilitou uma visão mais ampla de como um povoado pode ter diversos modos de vida, esses modos de vida são definidos de acordo com a sua relação com o lugar.

No entanto, esse trabalho é apenas uma pequena contribuição pelo que ainda necessita ser estudado as cidades da Amazônia. Na Valéria, um estudo mais detalhado a respeito do histórico da comunidade, os povos que habitavam essa região, e os motivos que levaram eles a abandonar esse lugar, ainda se faz necessário. Não apenas fazer a pesquisa, mas mostrar os principais resultados para a comunidade.

## REFERÊNCIA

AZEVEDO FILHO, João D'Anúzio Menezes de. A produção e a percepção do turismo em Parintins. Tese doutorado - São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

CRUZ, Rita de Cássia. -- Introdução à geografia do turismo. 2. Ed. São Paulo: Roca, 2003.

<http://www.researchgate.net> – acessado em 05.11.2018.

<https://www.cartacapital.com.br/especiais/infraestrutura/entenda-como-funciona-o-luz-para-todos> - acessado em 16.10.2018.

MARX, Karl. *O capital, volume I* – Trad. J. Teixeira Martins e Vital Moreira, Centelha – Coimbra, 1974 – disponível em: <https://mundoeducaçao.bol.uolu.com.br/sociologia/mais-valia.htm>. Acessado em 09 de outubro de 2018, 15 horas.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Cidades na Selva**. Manaus: Editora Valer, 2000

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste paraense. São Paulo: expressão Popular, 2006.

SILVA, C. M. M **Mocambo Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia** / Charlene Maria Muniz da Silva. (dissertação de mestrado) – Manaus: UFAM, 2009.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2004.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Ribeiro. A Rede Urbana Amazônica – da rede dendrítica à configuração de uma rede complexa. GAsperr, 2001.